

# ALAGRIQA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

## CANDIDO DA CUNHA

Um predestinado da Arte.

Uma individualidade illustre, muito nossa.

Exemplo vivissimo do muito que póde o trabalho.

Se a Vontade não fosse um Poder e se aquella — quando determina pela reali-

sação de um Ideal—consentisse esmorecimentos, as faculdades excepcionalmente superiores do patricio, a quem a «Lagrima» hoje presta homenagem, apenas fariam d'elle um Sonhador.

Na conquista do Bello e do Sublime, rarissimas vezes o Sacrificio terá sido posto a mais duras provas.

Enumeral-as e desfiar-as uma a uma, sobre pouco agradável e inutil, seria avivar recordações que o luctador de hontem jámais nos perdoaria.

Basta, apenas, que se fique sabendo que trabalhou, porfiada, corajosa e decididamente, atravez as maiores desolações e trilhando as vias áridas e escabrosas, que na vida se facultam ao honesto, ao desprotegido e ao desfavorecido da fortuna.

Barcellense, como Miguel Angelo—o festejado e genial auctor do *Eurico*—Candido da Cunha é, tambem, hoje, uma gloria da nossa terra, que admiramos e mereco as nossas homenagens.

Muito creança ainda, começou de revelar extraordinarias aptidões para a Pintura e já então era de causar espanto a facilidade e pericia, com que desenhava.

Typo franzino, delicado, cabelleira farta, olhos de um brilho seguro e profundo, todo elle vibrava ao contemplar as concepções sublimes de Raphael, Buonarroti, Van Dick etc.

E a obra dos mestres impressionava-o, tão culminante e intonsamente, que parecia ficar-lhe reproduzida no olhar, como se sahida do proprio pincel.

Tendo-se matriculado na Academia Portuense de Bellas-Artes, fez um curso distinctissimo; confirmou plenamente que a Pintura era a Eleita da sua alma superior de artista.

E tão authenticico e solido é o seu merito, que a grande tela—*Agar e Ismael*—, que apresentou como prova final, foi adquirida pela Academia—honra que esta concede rarissimas vezes aos seus discipulos; e lá se vê hoje entre os trabalhos dos nossos artistas por excellencia, fazendo a admiração de nacionaes e estrangeiros.

Candido da Cunha—tendo concorrido a uma exposição que em 1896 se realisou em Lisboa—foi apreciado nos seguintes termos por um notavel critico:

«No grupo dos discipulos que denotam as mais aproveitaveis disposições e qualidades, sobressabe o sr. Cunha, da Academia Portuense de Bellas-Artes, com a sua grande tela—*Agar e Ismael*, em que a impressão de desolação e de aridez do deserto é bem dada, devendo notar-se o natural abandono da attitude de Ismael, estendido, adormecido, exausto pela fadiga, pela secura, pela fome, enquanto Agar, desditosa, olha o infinito».

Actualmente, Candido da Cunha está em Paris, onde foi completar a sua educação artistica e onde, certamente, o aguardam novos triumphos.

O nosso laureado patricio é filho do finado José Joaquim da Cunha, um homem de bem a valer e que tambem revelou sempre grandes aptidões para as Bellas-Artes. Terminando:

Antonio Candido da Cunha é um artista de alto merecimento e um modesto; e a estas especialissimas qualidades allia as de um porte cor-



## A LAGRIMA

recto, distincto, até, e de um caracter primo-roso, leal e franco.

São muitos os quadros, telas, retratos etc. que actualmente já formam a galeria artistica d'aquelle illustre barcellense; mas o pequeno espaço de que dispomos não nos consente mais que estas resumidas, quasi que telegraphicas, nótas do seu authentico e já hoje consagrado merito de Artista superior.

D. CARREIRA,

Do differente criterio com que a opinião publica de uma sociedade encára um facto qualquer occorrido no seu meio, pôde o jornalista sem receio de errar, aquilatar do gráo de cultura intellectual dos individuos que compõem essa mesma collectividade, e tambem fazer juizo sobre se a sua natureza, mais ou menos plastica, se torna susceptivel de aperfeiçoamento, se é docil e capaz de receber e conservar formas novas, mais correctas, mais puras nos seus lineamentos.

As observações praticadas do cimo nevado do Monte Branco são sempre mais perfeitas, que as que se realisam em observatorios situados em altitudes inferiores, comtudo os resultados obtidos nos ultimos não se desprezam, servem para corroborar e explicar, se tanto é permitido, as observações feitas nos primeiros. O nosso observatorio mal se eleva do solo, é muito modesto o cômodo onde campeia a «Lagrimeira», mas é bastante alto para do seu cimo avistarmos todo o ambito cercado pelo nosso horisonte, que é bem mais pequeno que á primeira vista poderia suppor qualquer desprevenido.

A analyse que de posição emminente fizesse o observador imparcial á sociedade portugueza em geral, teria como resultado infallivel a certeza da sua desorganisação, originada, sem duvida, pela insufficientissima instrucção, pela carencia quasi absoluta de cultivo do espirito.

Isto que se vê do alto, olhando para o conjunto, é tambem, em escala menor o que vamos pôr sob os olhos do leitor, depois de conscienciosamente, e o que é mais, dolorosamente, termos observado o nosso campo, que é a sociedade barcellense.

A proposito de publicarmos o retrato de Joaquim Boeca, um morto celebre, embora a sua celebridade lhe houvesse sido outorgada pelo ridiculo, desgovernou-se parte do nosso publico em comentarios nada lisonjeiros para a «Lagrimeira». Porque a «Lagrimeira» tem enriquecido as suas paginas com os retratos de filhos illustres d'esta terra, de cidadãos prestantes e queridos, acha-se inhibida de archivar um typo popular que ameaçava perder-se, e que, graças á photographia do amigo Vallongo e á nossa photo-

gravura, vae ser guardado do olvido inevitavel a que estava votado!

E' extraordinario, que pessoas que se julgam auctorizadas a verberar o nosso procedimento, alias correcto, impecavel, não saibam distinguir, na sua myopia cerlina, a differença que vae entre o esquiço biographico de um Luiz Novaes, de uns Malheiros e tantos outros e a *pochade* burlesca com que o nosso humor, naturalmente jovial, accompanhou o retrato de Joaquim Boeca.

E se não bastasse, para abrir os olhos a estes céguinhos, o termos a nossa gravura na pagina interior, lá estava o fêcho da *biographia*, aquelle—Viva D. Miguel—que certamente evitava equivocos.

Isto, que em momento de arrebatamento revolta, contrista quando visto com mais calma, porque é obvia a causa prima d'este desgoverno dos nossos criticos. E' bem evidente que leram e não comprehenderam, o que por cima de ser uma calamidade é um perigo. Perigo, porque criterios assim mal servi los de entendimento pôdem tornar funesta a mais sublime e humanitaria idéa.

Porque o interesse e o amor que nos merece esta terra, que é nossa, nos move compassivamente, vamos, sinceros, dar um conselho aos que nos criticam:—Para outra vez sejam mais attentos na licção das palavras da «Lagrimeira», porque na la reclama tanto cuidado como as cousas pequenas. Antes da sciencia ter devassado os dominios do infinitamente pequeno já tinha dado ao homem conhecimento do immensamente grande—.

Ha, portanto, mais merito em perceber as cousas pequenas, que demandam observação, que fallar das grandes, que vem ao nosso encontro e nos envolvem.

Para outra vez, senhores, cuidado para que se não torne certo o ditado—*digere et non intelligere est.*—.

### ANNOS

«Fiz annos o Zémathias,  
«Tudo dança. Dança tudo!  
«A folha o saude em prosa,  
«Que eu cá em verso o saudo.

CAIS'S

A uma meza, ao dominó:

Imagine-se d'um lado o Lino Cruz e d'outro, em frente, o José Carvalho.

O José Carvalho está a perder, e fugindo-lhe a serenidade, diz para o Lino:

—«Limpa o nariz; com mil raios!»

O Lino, rindo-se, serenamente responde:

—«Limpe-m'o você que está mais proximo d'elle do que eu.»



ARRANCOS DE MORIBUNDO

Até que enfim caiu na valla das coisas ignobeis o Carnaval de 1898... e oito!

Folião triste, pelintra, esfarrapado, cheio de cô-leas e falta de ideias.

Tambem não se podia esperar mais de semelhante burlão, cachetico e sulcado de varizes, tentando provocar a hilariedade em uma nação no leito da agonia, esfolhada pelos judeus da finança e *enfermeirada* por políticos sem intuitos, ou por egoistas deleterios.

Vimos renascer os pés e os tremoços; uma velharia que se usava ha sessenta annos com enthusiasmo.

Em nossa infancia o Carnaval tinha espirito.

Faziam-se comparações cheias de verdade; parodias plenas de naturalismo, costumes, danças, brinquedos com um cunho, para não dizer *cachet*, de ideal instructivo e desopilador.

Agora descemos abaixo d'esses tempos passados.

Só nos falta a repuxada e a laranja visando o rosto para voltarmos ao principio do seculo.

E' desanimador esse retrocesso ignaro nas festas de um povo.

Se nos beneficios publicos adquirimos utilidades reaes, como a transmissão telegraphica e o transporte a vapor; se temos uma photographia que nos extasia desle os mais bellos retratos individuaes até ás vistas surprehendedentes do animatographo; progresso nas sciencias, progresso nas artes, progresso na fauna e na flora por nma selecção aprimorada e colhida por ama lores; como é que se póde admitir que o povo não saiba brincar, dado mesmo que deseje ainda conservar essas folias tradicionaes?

Quer o Entrudo? Pois muito bem; mas vista-o á moderna.

Ponha-lhe *toilette* á moda, cabellos amancorados e botinha *mignone* e *cambrée*.

Assim como as senhoras não fazem hoje as suas visitas de mantilha, nem os cavalheiros de chapau embicado e rabicho, divirta-se o povo alegremente e racionalmente.

Não polvilhe o proximo, não atire tremoços nem jogue *clopin-clopan* a corrida do frango em animaes lazarentos!

Espiritualise o seu divertimento.

Se quer exercitar as forças faça isso com os progressos do dia e em harmonia com uma boa hygiene; se quer rir, evocar o passado, exhumar-o com naturalidade e sem pelintrice; se quer verberar o seu semelhante consiga-o nos variados torneos da phrase, burilada com esmero, dentro do circulo das conveniencias sociaes.

Assim ainda póde conservar a tradição do

Entrudo, dançando alegremente mas com dignidade; exhibindo os costumes de varias epochas no que ellas têm de instructivo e sentimental; manifestando a vida hodierna nas suas progressivas e multiplices variedades.

Ora continuar n'esse batuque prehistorico, em que o cerebro é arrastado pelos braços e pelas pernas, pode ser muito proprio das tribus estacionarias da Hottentotia e da Polynesia; mas é severamente prohibido pelas leis da evolução da humanidade aos povos que querem ser alguma cousa no convivio do intellecto.

Entrudo de 1898, desce á valla das coisas ignobeis e que a terra te seja o mais pesada possivel.

Amen.

FABRÍCIO.

Um petisote qualquer, typo authenticico do lapurdio minhoto, disse ha dias a uma das filhas da casa em que se acha como creado:

—«Se a menina me ensinar a dár um tiro, dou-lhe uma coisa».

Dito e feito: a menina carregou a espingarda; o rapaz lançou mão d'esta e, feitas as explicações necessarias, atirou.

Concluiu a lição entregou a coisa promettida—uma maçã.

Passado pouco tempo, dirige-se de novo á menina e diz-lhe:

—«Ensina-me a dár outro, que eu dou-lhe outra?»

O João da Marota, cujo sobrenome póde ser passado ao sexo masculino sem perigo do seu (d'elle João da Marota) caracter, dirigindo-se ha dias de Fão para Barcellos, terra que o viu medrar, ao deparar-se-lhe um risonho grupo de camponezas, fez assim espirito:

—«O' que bellas franguinhas! E' d'estas que o meu medico me tem receitado...»

Uma velha que as acompanhava (mãe, madrinha, ou tia) apromptou-se em dizer, maliciosamente, ao João da Marota:

—«Olhe, sr., as *frangas* não lh'as posso dispensar, os ovos sim».

Para o Marota, que é tasqueiro, era, mesmo assim, um arranjo...

Os carros de correio, respectivos burros e cocheiros, têm passagem franca por toda a parte que existam macadams, parallelipedes ou calçadas, publicas, em todas as circumstancias, quando não haja paredes ou casas derruidas a pôr intransitavel o caminho.

Na ultima terça-feira a embocadura, norte da rua Direita, estava atulhada de gente, jogando e vendo jogar o entrudo.

Da estação do caminho de ferro, conduzindo

## A LAGRIMA

em carro, as malas da correspondencia vindas do descendente das 4,40 chegára áquelle ponto o cocheiro Pindella.

Podia dirigir-se para a estação telegrapho-postal saindo da recta, que desejava, com prejuizo de dez metros de distancia, pelo Largo José Novaes; porém, fiado em que os carros do correio, respectivos burros e cocheiros, têm passagem franca, quiz romper na referida embocadura, a massa compacta...

...Mas ha uma cousa peor que o parallelepido, que a calçada, o macadam e que, semelhante ás paredes e casas derruidas, formam trincheiras inexpugnaveis á lei—o povo.

Resultado: o cocheiro podendo por sua livre vontade, sem prejuizo d'um minuto, seguir para o correio pelo largo José Novaes, *sem querer*, pelo mesmo largo para a cadeia.

Porque quiz ser pimpão.

Moralidade: contra a força não ha resistencia.

O Manco de Nascimento, que era de nascimento manco, individuo muito conhecido dos barcelenses de ha 50 annos, não pela obra de alfaiate que fazia, mas sim por a sua excessiva fealdade, quando se escamava, blasphemando, a sua cara metade chamava-o ao socego com estas phrases:

—«O' homem, não falles mal; olha que Deus castiga-te».

—«O' maldicta, retorquia-lhe elle, sou feio aleijado, pobre como Job, com que diabo mais me pode castigar Deus?»

Este individuo, apesar da sua disformidade phisica, nadava muito bem de costas.

O Chasco, ali do José Lopes, é valente como um tivoão.

Ha dias apanhou vivo um texugo, em S. Martinho de Villa Frescainha, unicamente auxiliado por alguns habitantes d'aquella freguezia e dois cães coelheiros.

*O gavião aos passaros pequenos  
Aprehende e esmaga com seu ferreo jugo;  
Em Barcellos porém  
Um milagre surgiu dos maís amenos:  
—Um Chasco apanhar um bom texugo...  
Caprichos que Deus têm!*

Felinas!...

Algumas senhoras d'Espozende, no intuito de saliencia—louvavel, principalmente no mez de janeiro—exhibiram-se no Carnaval d'este anno, em plena rua d'aquella villa, de *gatas*...

A's senhoras—Bello o presente n.º da «Moda Illustrada». A casa Guillard, Aillaud & C.ª, de Lisboa, capricha-se em nos apresentar uma re-

vista completa, que deve interessar ás suas gentis leitoras. Esta publicação é feita na capital franceza, centro da moda; e sua redactora mostra ser mestra no assumpto. Traz um molde cortado, borda los, figurino colorido, muitas gravuras e um texto escolhido. Custa 4\$100 de assignatura por anno.

—*Um livro indispensavel*, principalmente á magistratura, ao notariado, ao commercio, contendo estudos sobre o exame de letra ou calligraphico nos processos de falsidade, de reconhecimento ou verificação, etc.; é dado á luz pela acreditada livraria portuense Mesquita Pimentel, da rua de D. Pedro, vertido do original pelo dr. Araujo Mello e com um prefacio do dr. Bernardo Lucas. Custa 700 reis cada volume, em abril, do que daremos conta.

—*Arte Livre*—Revista litteraria bracarense, sob a direcção de Azevedo Coutinho e Arthur Esmeriz. Insere um soneto, bem feito, d'este nosso amigo. Illustra-a, na primeira pagina, uma photogravura do philologo sr. Candido de Figueiredo, com traços biographicos ligeiros. Os artigos, com a compensação, em regra, bem cuidadas. E' este o 1.º n.º da 2.ª serie.

—*Branco e Negro*—Da livraria Antonio Maria Pereira. A mais artistica e barata das publicações portuguezas. 50 reis cada n.º. E' agente aqui o sr. Manoel de Faria. Procure-se na casa' do sr. Alves, da Praça.

## EM PÉ DE GUERRA

Por acharmos do grande conveniencia para a nossa terra, conservarmos esta secção, permanente nas columnas da «Lagrima», abusando mesmo da sua grande circulação.

E' justo que Barcellos seja olhado com mais um pouco de interesse o patriotismo.

Aqui estaremos, pois, continuamente, clamando pela attenção das pessoas que superiormente superintendem nos negocios camaraes e administrativos, d'esta villa.

Assim:

Que se remediem as faltas da arborisação publica da villa;

Que os bancos em mau estado, no Campo da Feira, sejam substituidos por outros, e se collocem novos nos pontos em que o vandalismo os fez desaparecer;

Que se não consinta, escandalosamente, na rua principal de Barcellos, a creação de porcos, e se não permita que elles andem em liberdade pela villa;

Que se faça a miude limpeza á viella delraz da rua Direita, que está horrorosamente immunda, impedindo, até, a passagem ás pessoas limpas;

Que se examinem os perigosos carros que transitam na villa, mormente á quinta-feira,

Que se não interrompa o emprego dos balos ostrychinados aos cães que, sem ajano, infestam as nossas ruas.

Typographia Barcelense  
Responsavel—J. Gonçalves da Silva.